



**LITERATURA E ENTENDIMENTO GLOBAL: A
ENCICLOPÉDIA DA ESTÓRIA UNIVERSAL, DE AFONSO
CRUZ**

Carlos Nogueira*

**Universidade de Vigo – Cátedra Internacional José Saramago -
Espanha**

Universidade Palacký de Olomouc / República Checa

carlosnogueira@uvigo.es

RESUMO: Em 2009, Afonso Cruz (Figueira da Foz, 1971) publicava um livro singular, intitulado *Enciclopédia da Estória Universal*, que recebeu o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco (Associação Portuguesa de Escritores). Esta obra deu início a uma série à qual o autor juntou já quatro volumes, subtitulados *Recolha de Alexandria* (2012), *Arquivos de Dresner* (2013), *Mar* (2014) e *As Reencarnações de Pitágoras* (2015). Como veremos neste artigo, esta *Enciclopédia* cumpre perfeitamente os pressupostos da decisão de importantes organizações científicas internacionais, como o Conselho Internacional para as Ciências (ISCU), o Conselho Internacional para as Ciências Sociais (ISSC) e o Conselho Internacional para a Filosofia e as Ciências Humanas (CIPSH), que definiram 2016 como o “Ano Internacional para o Entendimento Global” (IYGU, segundo o sintagma original em inglês: “International Year of Global Understanding”¹).

PALAVRAS-CHAVE: Afonso Cruz – literatura – conhecimento – cultura – entendimento global.

**LITERATURE AND GLOBAL UNDERSTANDING: THE
ENCYCLOPEDIA OF UNIVERSAL STORY, BY AFONSO
CRUZ****

ABSTRACT: In 2009, Afonso Cruz (Figueira da Foz, 1971) published a remarkable book titled *Enciclopédia da Estória Universal (Encyclopedia of Universal Story)*, which received the Grand Prize of

* Doutoramento em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pós-doutoramento em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É o diretor da Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo.

¹ Como se lê na página na Internet que divulga este projeto, esta iniciativa “Teve a sua origem na Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha, através do Professor Benno Werlen, geógrafo social daquela universidade que, em colaboração com a União Geográfica Internacional, deu início e implementou o IYGU” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).

** Este trabalho desenvolveu-se no contexto do projeto “Poesía contemporánea en el espacio público: intervención, transferencia y performatividad” (POESPUBLIC, FFI2012-33589, 2012-2016, Ministerio de Economía y Competitividad do Governo de Espanha) e do Programa Estratégico UID/ELT/00500/2013 da FCT (Portugal).

Count Camilo Castelo Branco (Portuguese Association of Writers). This work began a series to which the author has already added four volumes, subtitled *Collection of Alexandria* (2012), *The Dresner Files* (2013), *Sea* (2014) and *The Reincarnations of Pythagoras* (2015). The title, through the word “story,” immediately announces the special character of this “encyclopedia,” which eludes any single definition of genre. Comments, citations, parodies, puzzles, tales, parables, thoughts, aphorisms, proverbs and poems are some of the textual types that appear in these volumes in the form of entries, organized alphabetically, whose authorship is attributed to persons real or invented. As we shall see in this article, this Encyclopedia perfectly fulfills the prerequisites of important international scientific organizations such as the International Council for Science (ISCU), the International Council for Social Sciences (ISSC) and the International Council for Philosophy and Sciences (CIPSH), which declared 2016 the “International Year of Global Understanding”² (YIGU).

KEYWORDS: Afonso Cruz – literature – knowledge – culture – global understanding.

Nos cinco volumes já publicados da *Enciclopédia da Estória Universal*, que Afonso Cruz prevê que continuará a sair ao ritmo de um volume por ano, observação e ciência convivem, ficção e História cruzam-se, invenção e realidade combinam-se, saberes supostamente inconciliáveis comunicam, discursos distintos e variados dialogam, uma bibliografia vasta mas inexistente ou reescrita interpela-nos, e o que daqui resulta é uma obra em vários volumes que se nos impõe como conhecimento e proposta de reconstrução do mundo e do humano através da articulação entre o global e o local nos mais diversos aspetos. O título da série, através do lexema “estória”, anuncia imediatamente o caráter especial desta “enciclopédia”, que escapa a qualquer definição única de género do discurso. Comentários, citações, paródias, enigmas, contos, parábolas, pensamentos, aforismos, provérbios e poemas são algumas das espécies textuais que surgem nestes volumes sob a forma de verbetes, organizados alfabeticamente, cuja autoria é atribuída a personalidades empíricas ou inventadas.

Em 2016, quis promover-se um entendimento tão profundo e amplo quanto possível sobre o impacto global das ações locais. Daí fazer todo o sentido divulgar uma obra como esta *Enciclopédia da Estória Universal*, que pode interessar a diversos tipos de público e ser integrada tanto em ações culturais como no processo de ensino-aprendizagem formal. Os princípios oficiais que regem a organização da prática pedagógica nas instituições de ensino básico, secundário e superior estão presentes, de diversos modos, nesta *Enciclopédia*, que assim pode ser uma boa fonte de leitura e

² As one reads in the project’s web page, this initiative “originated at the Friedrich-Schiller University of Jena, in Germany, through Professor Benno Werlen, a social geographer at that university who, in collaboration with the Union Geographical International, started and implemented the YIGU” (<http://www.global-understanding.info/en/>).

reflexão em qualquer sala de aula, como procuraremos provar a seguir. Estes volumes, de conteúdo interdisciplinar, despertam a curiosidade e a sensibilidade, valorizam a responsabilidade individual e coletiva, desenvolvem a capacidade de ler o mundo através de linguagens múltiplas e alternativas. São muitos os textos que, dependendo das perspectivas e das áreas a explorar (ética, ecologia, naturalismo, filosofia, história, antropologia, etc.), podem ser usados como pontos de partida para discussões e práticas consequentes com os objetivos e desafios do IYGU.

A *Enciclopédia da Estória Universal* alimenta-se de uma sabedoria alegre e exaltante, não de um conhecimento monolítico e estéril. Este saber apoia-se numa metodologia em que entram realidade e imaginação, história, cultura e ciências naturais, antropologia e literatura, e a unir estes elementos está o ato filosófico essencial (que preside a toda a boa literatura e a todo o processo de conhecimento social e científico): conhecer o que é o ser humano, a vida e o mundo, que verdades existem, como se constroem e desconstroem, como promover a melhoria das condições de vida e a paz regional e mundial. Afonso Cruz sente-se à vontade em múltiplas civilizações e literaturas, mas não exhibe aquela sabedoria que está convencida da sua infalibilidade. O imprevisto e o insólito acompanham sempre os casos narrados ou as frases lapidares, que exploram perspectivas diferentes das comuns e revelam vícios e erros, juízos antigos e rígidos aos quais convém contrapor o novo, o surpreendente e mesmo o revolucionário.

Os textos de cada livro sugerem que a liberdade de espírito de cada pessoa se prolonga na liberdade de ação de cada um e de todos. Não é por acaso que, mais ou menos diretamente, os temas do livro e da leitura ou da liberdade de expressão são recorrentes nos títulos já publicados desta *Enciclopédia*, em que encontramos nomes da cultura universal como os de Sócrates e Platão, mas também muitos outros criados por Afonso Cruz. Os vários livros e cada um dos textos neles incluídos são um encontro de prazer (psicossomático) e uma espécie de enigma ético e estético a ser resolvido pelo leitor: “Há uma espécie de céu no mar, onde as raias voam como pássaros, as estrelas dormem na areia e as nuvens de espuma enfeitam o espaço azul”.³ Esta peça breve sintetiza bem a lógica da invenção de Afonso Cruz, que nos convida a rever os termos existenciais da nossa relação com a vida, quer colocando-nos na posição de

³ CRUZ, Afonso. *Enciclopédia da estória universal – Mar*. Carnaxide: Alfaguara, 2014, p. 133.

corresponsáveis pelo conhecimento a que chegamos, quer evocando o saber e a sensibilidade ancestrais transmitidos oralmente através de textos como a adivinha e o enigma. Fazemos parte de uma cadeia de conhecimentos e de visões do mundo, pomos à prova a nossa capacidade interpretativa e a nossa imaginação, e, através da razão que se fixa numa forma estética, acedemos a uma explicação do mundo em que entram o prazer da descoberta e a responsabilidade pela preservação de tudo o que nos rodeia.

Concretizemos o que dissemos até aqui sobre a *Enciclopédia da Estória Universal* comentando a descrição de um dos povos alegadamente da Amazónia, os Abokowo, que ocupa cerca de um terço do terceiro volume. A “Nota final”, que sublinha a ligação que existe no livro entre os índios Abokowo e a poesia de um autor búlgaro, e que anuncia um texto de Théophile Morel em que também se fala desse povo, confirma essa relevância (o texto de Morel, colocado a seguir à “Nota final”, encerra o volume). A nota final, autoral, de dois parágrafos vem estabelecer uma circularidade que torna ainda mais visível o tema do livro, que é um dos grandes temas de todos os títulos da série: a relação de um povo com a natureza e o ambiente.

Os Abokowo são, portanto, o tema de três partes capitais da *Enciclopédia da Estória Universal – Arquivos de Dresner*. A primeira parte é uma narrativa de primeira pessoa dividida em nove secções, na qual Kaspar Möller fala da sua vida dedicada aos livros e do que o levou a querer conhecer a Amazónia. Trata-se de uma história bem contada, cheia de pormenores curiosos e insólitos, que seduz pela elegância do estilo e pela combinação de elementos culturais, filosóficos, mitológicos, religiosos e científicos (antropológicos, naturalistas, ecológicos, etc.).

A segunda parte dedicada aos índios Abokowo compreende dezanove “Notas de Kaspar Möller sobre os Abokowo”. Cada entrada recebe o mesmo título, “A minha experiência entre os Abokowo”, e um número antecedido de um cardinal (“#1”). A primeira parte inclui já algumas referências aos usos e costumes do povo com o qual Kaspar Möller conviveu vários anos, mas é neste verbete que há uma descrição mais sistemática. As “notas” etnográficas e antropológicas são iluminadas por um texto de Théophile Morel que, como dissemos, fecha o livro e constitui um momento exclusivamente consagrado aos Abokowo. Afonso Cruz serve-se de velhos mitos e de elementos etnográficos, refunde-os e usa-os enquanto fenómeno estético e enquanto elemento mediador de conhecimento da realidade. Esses relatos são ficção, porque neles é visível um trabalho efabulatório, e, simultaneamente, até certo ponto, etnografia, já

que retomam características próprias dos povos indígenas do continente americano (e não só).

Já dissemos que o leitor é conduzido a estabelecer desde o título um protocolo de leitura que o ajuda a não se esquecer da propriedade indefinida desses textos, que são ficção em diálogo com diversos campos da cultura e do saber (das ciências sociais e humanas às ciências naturais). Também o texto final de Morel é, antes de mais, literatura, mas não vale menos como uma espécie de ensaio etnográfico, histórico-antropológico e naturalista que levanta várias questões que têm a ver com a relação entre a literatura e as ciências naturais e sociais. Às três partes e ao texto de Morel, que teve o seu “primeiro contato com os Abokowo quando ainda era estudante de Antropologia”⁴, subjaz a problemática da representação do mundo em literatura e em antropologia. A matéria desta representação abrange o comportamento e o imaginário de um povo que não se vê acima da natureza, mas sim como mais um dos seus elementos. Morel, antropólogo apaixonado pela cultura dos Abokowo, produz um texto que é em parte técnico, científico, e em parte literário. Neste escrito, que é um bom exemplo da “capacidade narrativa dos etnógrafos” e do “seu poder de reconstituição de uma experiência de observação cultural”⁵, Morel é um cientista que observa com instrumentos que lhe garantem alguma objetividade na descrição e na análise. Mas ele não é menos um *autor* que se envolve subjetivamente numa cultura diferente da sua. Evitando ocultar o seu olhar pessoal e os seus sentimentos, Morel-Afonso Cruz obriga-nos a redefinir o que pensamos sobre os lugares e os significados dos discursos hegemónicos.

Théophile Morel procura encontrar na história e na cultura as razões que explicam o tratamento brutal e desastroso a que, no Ocidente, têm sido submetidos o meio ambiente, a natureza e a vida em geral. O discurso de Morel não precisa de ser demasiado explícito, no aspecto dos excessos do ser humano ocidental, para que o leitor estabeleça essa ligação. Morel justifica logo no início o que o motiva a escrever a “introdução”: afirma que viu no convívio com os Abokowo uma “série de

⁴ CRUZ, Afonso. **Enciclopédia da estória universal – Arquivos de Dresner**. Carnaxide: Alaguara, 2013, p. 97.

⁵ RUBIM, Gustavo. “Observadores observados” e a pesquisa avançada em literatura e antropologia. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 15 (2), 2011, p. 366.

características que julgo serem muito importantes para a vida em sociedade”.⁶ Essas características têm a ver com o respeito e o amor que os Nabokowo nutrem pela Natureza:

“Não há nada à sua volta que não contribua para o seu sustento. E eles agradecem a todas as coisas, como se tivessem vida, como se fossem um peito materno, em vez de tentarem domá-la, como costumamos fazer em sociedades sedentárias.”⁷

Afonso Cruz inscreve-se, de maneira muito original, no movimento da ecologia moderada que quer contribuir para a formulação e a experimentação de uma visão alternativa à existência ocidental. Através da relação entre o literário como invenção e reelaboração estética do mundo, do etnográfico como descrição e do antropológico como compreensão do outro, o autor participa no trabalho de construção de uma sociedade mais justa de que sempre se investiu a literatura que, sem ser necessariamente militante, acredita na responsabilidade ética da palavra literária. As várias notas intituladas “A minha experiência entre os Abokowo” informam o leitor e sensibilizam-no para a harmonia e a estesia da natureza dentro de uma visão animista do mundo, e dizem-lhe que é possível e desejável uma mudança de modelo cultural e ecológico:

Os Abokowo acreditam que existe uma árvore infinita, a *Dagafagé* (literalmente, *que não tem fim*), que, ao pensar, cria os pássaros. Quando pensa de noite nasce uma coruja, mas quando pensa de dia nasce um falcão.

Quando lhes perguntam onde está essa árvore que não acaba, eles dizem que não sabem. Pode ser qualquer uma, e é por isso que os Abokowo nunca abatem uma árvore e os seus abrigos são construídos com madeira morta. Para não haver a possibilidade de, sem querer ou por ignorância, matarem a árvore que imaginou todos os pássaros.⁸

A mensagem desses apontamentos, que podemos ler como notas de um diário antropológico (científico) e literário, é clara e vital: o vento, o ar, a água, as árvores, as flores, os animais são entidades que devem fazer parte do nosso universo moral. Contemplar a natureza, em tudo perfeita e sublime, traz benefícios para o ser humano, que necessita de rever continuamente o seu lugar e os seus comportamentos no mundo. Só assim seremos habitantes de pleno direito do planeta que permitiu o nosso desenvolvimento. Essa visão surge logo no primeiro contacto entre Kaspar Möller e o

⁶ CRUZ, Afonso. **Enciclopédia da estória universal – Arquivos de Dresner**. Carnaxide: Alfaguara, 2013, p. 97.

⁷ Ibid., p. 98.

⁸ Ibid., p. 27.

“guia chamado Batista, um abokowo que, com frequência, ia à cidade vender cocares, máscaras e chocalhos para lojas de turistas”⁹, de quem se diz, também com ironia benigna e questionadora, que “Falava bem português”¹⁰:

– Os rios e o fogo são maneiras de andar. As árvores e as pedras são maneiras de estar parado. Todas as coisas que existem aqui à volta – dizia Batista, apontando para cima, para os papagaios que voavam entre o céu e a encosta onde nidificavam – são maneiras de ser livre. Nós comemos a Natureza e a Natureza come-nos a nós.¹¹

Os pontos de partida de um ocidental e de um índio americano são diferentes: aquele acredita que a natureza existe para o servir; e este crê que “Every mountain, stream, tree, season, wind, valley, etc. is sacred and has its own spirit”.¹² Ao utilizar e ao reelaborar esquemas e elementos folclóricos e míticos no nosso espaço e no nosso tempo, Afonso Cruz está a participar na construção de uma ética da Terra e a colaborar com disciplinas como a ecologia, a ecopsicologia ou a ecofilosofia. Contra a arrogância do ser humano e da tecnologia, o autor vem evocar uma noção que é, afinal, muito simples: o Ocidente deve ser capaz de aprender com as culturas de outros povos, ou continuará a encarar a natureza como “um utensílio do homem” que “é não apenas indigna de reverência como também objeto de depredação”.¹³

Autores como Lynn White Jr.¹⁴ e Peter Singer¹⁵ têm sido muito críticos em relação ao modo como a generalidade dos povos ocidentais lidam com a natureza e o ambiente. Para estes ensaístas, a crise ambiental, que é igualmente uma crise de valores, nasce da atitude de superioridade do Ocidente em relação à natureza: o mundo, incluindo os animais, existem para benefício do Homem, que por isso se habituou à ideia de que é superior à natureza. Théophile Morel-Afonso Cruz partilha desta opinião, e até a justifica sem eufemismos e com ironia, mas não faz uma condenação exacerbada. Prefere, para levar o leitor a pensar por si próprio, uma explicação que radica na

⁹ CRUZ, Afonso. **Enciclopédia da estória universal – Arquivos de Dresner**. Carnaxide: Alfabeta, 2013, p. 21.

¹⁰ Ibid., p. 21.

¹¹ Ibid., p. 21.

¹² ROWLAND, Susan. **The ecocritical psyche. Literature, evolutionary complexity and Jung**. New York: Routledge, 2012, p. 28.

¹³ CRUZ, Afonso. **Enciclopédia da estória universal – Arquivos de Dresner**. Carnaxide: Alfabeta, 2013, p. 98.

¹⁴ JR., Lynn White. **The historical roots of our ecologic crisis**. *Science*, n.º 155, p. 1203-1207, 1967.

¹⁵ SINGER, Peter. **Libertação animal**. Porto: Via Óptima, 2008.

diferença entre “o animismo e a maior parte das grandes religiões”¹⁶, e entre o nomadismo e a sedentarização:

Índios como os Abokowo ainda vivem antes da Queda, numa espécie de paraíso, apesar dos esforços tremendos que a sociedade em que vivemos tem feito para os extinguir.

(...)

Aliás, para os Abokowo, a recolha de um fruto que não sirva para comer é considerada uma espécie de roubo. Para eles é infame que tiremos da Natureza mais do que aquilo de que precisamos.¹⁷

Podemos depreender que, para Théophile Morel, cujo texto constitui uma peça literária de etnografia e de análise antropológica com implicações sociológicas e culturais, a cultura não é uma entidade rígida, transcendente e imanente. Morel comunica uma experiência que é ao mesmo tempo estética, pessoal e intersubjetiva (literária), e que, sem idealismos, se propõe a compreender um modo de vida diferente do dito civilizado, a partir do qual poderão surgir estratégias de entendimento e de resolução para muitos dos problemas que nos afetam:

Sei que, ao ler estas palavras, muitos serão levados a acreditar que vejo na sedentarização a raiz de todo o mal e no nomadismo a perfeição social. Na verdade, creio que existem muitas coisas boas na sociedade em que vivemos, tal como existem coisas especialmente más numa sociedade nómada. Apenas saliento algumas características de um paradigma verdadeiramente diferente do nosso para mostrar que alguns objetivos que normalmente fazem parte de utopias são, efetivamente, possíveis e foram aplicados com sucesso durante milénios¹⁸.



Estes textos ecocêntricos de Afonso Cruz sugerem-nos, de forma muito convincente, que a literatura e as ciências sociais e naturais podem participar no equacionamento em larga escala dos desafios ecológicos e éticos. Bastará apenas estarmos mais atentos a contributos como este de um autor que não esquece que a literatura, “part of human evolution, itself deeply embedded in natural evolution”, nos ajuda a compreender a natureza e a respeitar os seus ritmos.¹⁹

Esta visão está em tudo de acordo com o que preconiza o IYGU, que nos lembra que “Existe a necessidade de ampliar a nossa compreensão sobre os processos

¹⁶ CRUZ, Afonso. **Enciclopédia da estória universal – Arquivos de Dresner**. Carnaxide: Alfabeta, 2013, p. 98.

¹⁷ Ibid., p. 99.

¹⁸ Ibid., p. 100.

¹⁹ ROWLAND, Susan. **The ecocritical psyche. Literature, evolutionary complexity and Jung**. New York: Routledge, 2012, p. 99.

nos sistemas terrestres e sobre os contextos socioculturais das ações humanas”.²⁰ Ao apresentar-nos o caso dos Abokowo e ao comentá-lo, Afonso Cruz sublinha “a relevância, o uso e a aceitação social do conhecimento existente”²¹, põe em evidência “as implicações da globalização na vida quotidiana”²², sugerindo como é possível conciliar conhecimento e ação, visão global e perspectivas locais. Através da literatura, que, nas palavras de Umberto Eco, é uma “atividade que desagrega as regras e propõe outras”²³, Afonso Cruz promove “uma melhor integração de diferentes tipos de conhecimento no processo de produção de conhecimento”²⁴, e com isso está a participar na construção (demorada, complexa) de sociedades sustentadas em ações, comportamentos, atitudes e valores mais justos, global e localmente (ou “glocalmente”, para recorremos a um termo da família do neologismo “glocalização”, usado pela primeira vez por Roland Robertson).

Esta *Enciclopédia* pode produzir e divulgar conhecimentos profundos, mas praticáveis, sobre a relação harmoniosa e sustentável da vida na Terra, a partir de pontos de vista e de tradições diferentes no tempo e no espaço. Inspirando-se na leitura de textos como aqueles que comentamos neste ensaio, uma comunidade (uma escola, uma associação, etc.) pode partir para o desenvolvimento de projetos que, sendo locais, assumirão cada vez mais um alcance global. A escrita de Afonso Cruz, nesta *Enciclopédia*, como vemos nos excertos transcritos, desenvolve um sentido naturalístico de tipo vitalista: o humano, a vida animal (fauna doméstica ou bravia), vegetal e mineral interagem dinamicamente num único impulso de propagação de vida. O efeito pragmático da estética e da ética destes textos pode consistir em atos tão relevantes local e globalmente como a aquisição de hábitos ecológicos (reciclar, não sujar o ambiente, não agredir os animais selvagens e domésticos, entre muitos outros comportamentos). Uma passagem como esta, entre muitas outras que poderíamos selecionar, cabe bem num conceito de literatura quer como memória, representação do presente e construção do futuro, quer como intervenção cívica, humanista e ecocêntrica:

²⁰ “Os desafios do IYUG” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).

²¹ “Os desafios do IYUG” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).

²² “Os desafios do IYUG” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).

²³ ECO, Umberto. **Viaggio nella irrealità quotidiana**. Milano: Bompiani, 1973, p. 329.

²⁴ “Os desafios do IYUG” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).

Levei o homem, apesar da sua resistência, a ver o mar. Jamais esquecerei a cara dele, os olhos, a boca, as mãos, enquanto a paisagem marítima lhe bateu no rosto. Amparei-o nos meus braços enquanto ele tentava dizer alguma, enquanto a sua boca abria e fechava com a língua emaranhada, os olhos encardidos de horizonte. É, na nossa vida, completamente desnecessário ter qualquer proximidade com o mar, mas a sua simples visão provoca alterações profundas na alma.²⁵

Conciliam-se, no processo que acabámos de descrever, os três elementos consignados no documento do IYGY a que temos recorrido: “investigação, educação e informação”.²⁶ A “investigação” reúne estudiosos das ciências naturais, ciências sociais e humanidades, a quem compete não só compreender os impactos globais das atividades quotidianas locais, mas também transmitir os resultados da sua investigação aos agentes educativos e culturais (educadores, professores, técnicos de diversas áreas da ação sociocultural). A “educação” utiliza os resultados da investigação em salas de aula (formais e informais). Os diversos canais de informação (local, regional, nacional e internacional) promovem a partilha de conhecimentos através de entrevistas, reportagens, programas, publicações, etc. Este é um processo pelo qual se atua localmente a partir de um pensamento global, integrado numa visão ao mesmo tempo humanística e científica, e graças ao qual as mudanças locais e as decisões individuais adquirem um alcance mundial. A ação local implica também levar as políticas locais e globais a assumirem pensamentos e ações que criem interdependências entre o mais local e o mais global. Esta relação entre o local, o global e o político a partir da *Enciclopédia* de Afonso Cruz pode intensificar-se, por exemplo, através da promoção de intercâmbios nacionais e internacionais de alunos e professores (tendo como ponto de partida textos que seriam traduzidos, divulgados e debatidos), através da tradução desta *Enciclopédia* para várias línguas, ou através da realização de debates, seminários, colóquios e congressos.

Em síntese: sem entendimento global, as mutações culturais, sociais e económicas que o mundo enfrenta serão cada vez mais problemáticas, e por isso mais perigosas e rápidas serão as mudanças que acompanham ou determinam as transformações a que a natureza e o ambiente estão sujeitos: alterações climáticas, diminuição da biodiversidade e desaparecimento de ecossistemas, pesca em excesso e desflorestação, desertificação e deterioração dos solos, aumento do número e da

²⁵ CRUZ, Afonso. **Enciclopédia da estória universal – Mar**. Carnaxide: Alfaguara, 2014, P. 89.

²⁶ “Como atuar” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).

gravidade dos eventos climáticos extremos, etc. Afonso Cruz não pretende doutrinar ou moralizar, nem impor uma síntese enciclopédica do saber sob a autoridade da sua investigação e erudição, que envolve conhecimentos de todas as disciplinas (ciências naturais, sociais e humanidades), “de todos os tipos de conhecimento (científico, indígena, local, tradicional, etc.)”²⁷, e que, portanto, se adequa a todas as partes envolvidas no processo de articulação entre o global e o local (“decisores, ONGs, empresas, o público afetado, etc.”).²⁸ Consciente de que todos nós influenciemos os outros e somos influenciados por tudo o que nos rodeia, este autor propõe-se pensar e contribuir para a (re)construção da humanidade e da natureza através da cultura, da sensibilidade, da imaginação e da ciência.

RECEBIDO EM: 03/01/2017

PARECER DADO EM: 13/06/2017



www.revistafenix.pro.br

²⁷ “Os desafios do IYUG” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).

²⁸ “Os desafios do IYUG” (<http://www.global-understanding.info/pt/>).